#### UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

## FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

33

INSCRIÇÕES 149-152



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1989 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

## FICHEIRO EPIGRÁFICO

# Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





### ÁRULA CONSAGRADA A SALUS

**Гото** 149

Árula votiva, de calcário oolítico, guardada no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (N.º 16 228). Desconhece-se a sua proveniência, mas como foi oferta de Joaquim Silveira, que deu outras peças para o museu procedentes de Torres Novas, é possível que também a árula haja sido encontrada na área desse concelho (conventus Scallabitanus) (1).

Trabalhada nas quatro faces e praticamente intacta (só com leves escoriações nas arestas aqui e além), apresenta capitel de toros lisos, não inteiramente destacados do fastígio triangular central; aliás, apenas na face dianteira se assinala, por meio de arco de círculo, o que seria a face total do toro. Molduração compósita: listel singelo, gola directa, astrágalo e filete directo. A moldura da base é constituída por listel e toro, a que se segue a base propriamente dita que obliqua da esquerda para a direita, facto que empresta ao monumento um ar desgracioso. No conjunto, um trabalho oficinal rude — como, aliás, o é também a gravação da epígrafe.

 $16 \times 15$ Dimensões:  $37/36 \times 14 \times 12,8$   $17 \times 15$ Campo epigráfico:  $18,8/18 \times 14$ .

<sup>(1)</sup> Cf. nota 4 acerca da possibilidade de outra proveniência. Creio que a peça estará inédita, resultaram vãs as diligências feitas para identificar a sua eventual publicação.

SAL(uti) . SAC(rum) /  $\overrightarrow{AP}(pius)$  N(umisius?) / AVCA . PI/ASIRVS / EX VOTO PO/SVIT

Consagrado à Saúde. Ápio Numísio (?) Auca Piasiro colocou, em virtude de voto.

Altura das letras: l. 1 a 3: 1,5 (S = 2,2); l. 4: 1,5/1,8; l. 5: 1,5/1; l. 6: 1,8. Espaços: 1: 1,5; 2: 1,8; 3: 1; 4: 0,8; 5: 0,7; 6: 0,5/1; 7: 3.

O paginador pôde ocupar todo o campo epigráfico em altura, uma vez que o monumento se destinava a ser colocado num larário doméstico, ao nível dos olhos portanto. Nota-se tendência para seguir um eixo de simetria (veja-se a l. 2), o que não foi conseguido, apenas sendo visível o alinhamento à esquerda (salvo nas linhas 2 e 4). A forma da pontuação não é nítida: na l. 1, tanto pode ser um triângulo como uma hera; na l. 2, a falha da pedra impede a distinção (parece, no entanto, em jeito de vírgula).

Os caracteres, dada a brandura do suporte, não foram esculpidos a cinzel mas sim levemente esgravitados a ponteiro, donde resultou, com a erosão, alguma dificuldade de leitura.

A l. 1 lê-se bem e SAL. não oferece dúvida como abreviatura de SAL(uti)(²). Atendendo a que a fórmula final ex voto posuit se individualiza (³), resta, nas l. 2 a 4, a identificação do dedicante. Considerar o nexo AP a abreviatura do praenomen Appius afigura-se pacífico. Que o gentilício venha em sigla também não é estranho, se tomarmos em linha de conta que se tratava de monumento a figurar em contexto familiar, de gentilício comum (⁴). O cognomen

<sup>(2)</sup> Sobre o culto prestado por particulares à deusa Salus na Península Ibérica, sem ligação ao culto imperial, vide os exemplos citados na p. 361 (nota 2) de IRCP (= José d'Encarnação, Inscrições Romanas do Conventus Pacensis, Coimbra, 1984).

<sup>(3)</sup> Ex voto posuit denuncia o cumprimento de promessa no local sagrado, neste caso, muito provalmente, o larário familiar. Cf. fórmulas iguais em IRCP 58 e 59, bem como, idênticas, em CIL II, p. 1178.

<sup>(4)</sup> Optei pela hipótese *Numisius* por ser este o gentilício começado por N mais frequente na Península: cf. IRCP, p. 72, em comentário à inscrição 23, procedente de Faro, onde também preferi esta reconstituição. Tal circunstância aliada ao facto de o monumento ser de calcário, ter esta

assumiria, pois, em plenitude, o seu papel de elemento individualizante. No caso vertente, seria, porém, de esperar, numa identificação à maneira latina, que o dedicante apresentasse apenas nomes latinos. Ora, não haverá dúvida em considerar a existência de pontuação a seguir ao segundo A da l. 3; teríamos, por conseguinte, dois cognomes e ambos de raiz pré-romana: o primeiro, Auca, documentado, de facto, em contexto indígena (5); do segundo, PIASIRVS, não há, que eu conheça, outro exemplo: estará, verosimilmente, aparentado com Pisirus (6). A serem correctas esta leitura e esta interpretação, estaríamos em presença de um indígena romanizado.

As dúvidas na interpretação do nome do dedicante não permitem atribuir uma cronologia segura ao monumento. Uma datação do séc. II poder-se-lhe-ia ajustar, nomeadamente se atendermos à utilização do teónimo em abreviatura.

José d'Encarnação

tipologia e apresentar uma fórmula patente, como se viu, em dois outros monumentos da mesma região (os citados IRCP 58 e 59, de Loulé, possivelmente dedicados à deusa Diana, que também neles vem identificada em sigla) — leva-me a perguntar se o monumento não procederá do Algarve.

<sup>(5)</sup> O nome registado numa epígrafe de Lara de los Infantes não é, de facto, Auca, como J. Vives dá a entender (ILER 2349), mas sim a terminação de um outro antropónimo (cf. CIL II 2855). Segundo M.ª Lourdes Albertos Firmat (La onomastica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Betica, Salamanca, 1966, p. 43), Auca regista-se como topónimo e como hidrónimo; como antropónimo estará representado na Citânia de Briteiros e em León, sendo relacionável, por exemplo, com Aucas, Aucus e Auco, documentados noutras províncias do Império romano.

<sup>(6)</sup> Sobre *Pisirus*, antropónimo característico do Ocidente peninsular, pode consultar-se IRCP, p. 677, onde se refere também o mapa de distribuição apresentado por Nelson Correia Borges («Conimbriga», 15, 1976, p. 125).



**F**ото 149

Foto de Guilherme Cardoso

#### 150

#### INSCRIÇÃO VOTIVA DE NINHO DE AÇOR

**Fото 150** 

Fragmento de inscrição romana votiva, recolhido por José Joaquim Marcelino, quando realizava trabalhos em profundidade com uma máquina do tipo «caterpillar», provavelmente em 1984 ou 1985, no sítio denominado Vale José Mendes, nas proximidades da conhecida estação romana do Sobreiral, freguesia de Ninho do Açor, concelho de Castelo Branco. O achador ofereceu-o a Rogério de Carvalho (¹). Juntamente com a epígrafe, vieram à superfície alguns vasos de cerâmica «muito vermelha» (sic), que não foram recolhidos. Poder-se-á pôr a hipótese de se tratar de vasos de terra sigillata.

Trata-se do fragmento de uma placa de granito róseo com pátina. Apenas o campo epigráfico foi objecto de polimento, existindo vestígios de molduras laterais. Abaulada atrás e não alisada, destinava-se, muito provavelmente, a ser embutida num outro monumento, o que não deixa de ser significativo, porque, sendo o texto de natureza votiva, isso pressupõe uma certa organização monumental do espaço sagrado.

Os caracteres estão pouco vincados, apresentando-se praticamente sumidos por esmurradelas várias, na mancha central do

<sup>(1)</sup> Agradeço a Rogério de Carvalho a possibilidade que me deu de estudar este monumento, bem como todas as informações que amavelmente pôs à minha disposição. Acerca desta descoberta e do seu interesse, publicou aquele arqueólogo uma elucidativa nota no «Jornal do Fundão» de 3 de Março de 1989, pág. 7, sob o título Um novo documento epigráfico confirma: o culto religioso pré-romano estava bem organizado.

campo epigráfico, que é rebaixado, e mais nítidos nas margens laterais.

Dimensões:  $(40) \times 37 \times 14,5$ . Campo epigráfico:  $(37) \times 29,3$ .

 $[\dots] \ / \ [\dots] \ [SA]CERD/O(s) \ H[OS]TIAM \ / \ DED[IC]AVIT$ 

... sacerdote, dedicou uma vítima.

Altura das letras: l. 1: 4,5; l. 2 e 3: 4,4/4,5. Espaços: 1: 4; 2 e 3: 1,6; 4: 16.

Das linhas superiores nada se distingue. Na actual l. 1, a fractura levou seguramente três ou quatro letras: o final do antropónimo identificativo do sacerdote ou da sacerdotisa e a sílaba SA; CERD lê-se sem dificuldade — o R não é fechado, as letras estão espaçadas. No começo da actual l. 2, é visível a metade inferior do O; interpretamos como pertencendo a um H as duas barras verticais, apesar de o travessão ter desaparecido. No final da linha, a leitura TIAM parece não oferecer dificuldade. A dúvida maior subsiste, portanto, nas letras a reconstituir antes, porque delas não resta o menor vestígio; o espaço disponível permite, no entanto, a hipótese apresentada. Na l. 3, não obstante o grande desgaste, com certa iluminação há alguns traços passíveis de interpretar-se como o que falta da forma dedicavit, designadamente o E e o D.

A epígrafe aludirá, portanto, a um sacrifício votivo com a intervenção de um sacerdote.

É rara a ocorrência do vocábulo sacerdos para designar o ministro do culto a uma divindade que não seja o imperador. De facto, essa é a conclusão que se tira da observação dos índices de CIL II (p. 1132-1133): predominam os sacerdotes do culto imperial e, entre os restantes, apenas os de Cíbele detêm um lugar de mais evidência: de facto, só no Sul da Lusitânia se registaram, até ao momento, dois exemplos, em Ossonoba e em Pax Iulia (IRCP 1 e 289). Contudo, em Norba, ainda na província da Lusitânia mas já na vizinha Espanha, há o testemunho da possível existência de um sacerdote e de uma sacerdotisa da divindade indígena Eaecus (CIL II 724). E, mais perto de Ninho do Açor, na freguesia de

Penha Garcia, foi achada uma ara dedicada a Trebaruna, cuja inscrição, apesar das dificuldades de interpretação que apresenta (2), contém claramente a palavra sacerdos.

Também o vocábulo hostia não surge amiúde. Mas um texto relativo ao deus indígena Reva Langanitaecus, provavelmente oriundo de Egitânia, em cuja «catedral» se guarda, refere que Lucano cumpriu o seu voto, hostia deliganda, ou seja, mediante a apresentação de uma vítima que deveria ser «atada» (³). Considero que esta noção de «atar» poderá ser, aqui, encarada tanto no sentido próprio como — e sobretudo — no sentido figurado: dedicar a vítima à divindade é como que «ligá-la» ao númen, sacralizá-la. Outra referência que encontrei situa-se no conhecido santuário de Panóias: aí, numa das inscrições rupestres, fala-se na cremação e na imolação de hostiae (⁴). CIL II 606, de San Vicente de Alcántara, referiria também a palavra, aplicando-a quiçá a um touro oferecido a Júpiter; mas a transcrição do texto em ILER 23 dá o vocábulo como inexistente na epígrafe.

De Ninho do Açor procede a ara — guardada no Museu Tavares Proença Júnior — dedicada ao par divino Arentius e Arentia (cf. Garcia, 1984, 49-50). Por conseguinte, atendendo aos exemplos anteriores, poderemos conjecturar que esta inscrição de Vale José Mendes pertença ao culto destas duas divindades indígenas — que aí teriam, por conseguinte, um culto bem organizado, com colégio sacerdotal e santuário. Os trabalhos arqueológicos que porventura aí se efectuarem no futuro poderão, talvez, vir a confirmar esta hipótese.

Não dispomos de elementos bastantes para datar com segurança o monumento.

José d'Encarnação

<sup>(2)</sup> Cf. Garcia (José Manuel), Epigrafia lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco, 1984, 71-72; e a respectiva recensão de Vasco Mantas, in «Conimbriga», 24, 1985, 228.

<sup>(3)</sup> Cf., por exemplo, Encarnação (José d'), Divindades indigenas sob o dominio romano em Portugal, Lisboa, 1975, 263-268.

<sup>(4)</sup> Sobre este santuário e sua importância no âmbito da religiosidade peninsular, pode ver-se: Silva (Armando C. Ferreira da), A cultura castreja do Noroeste peninsular, Paços de Ferreira, 1986, 300-302.



**Fото 150** 

Foto de Rogério Carvalho

#### 151

# PLACA FUNERÁRIA DO CASALINHO (CHAMUSCA)

**Fото 151** 

Estela funerária completa, de ardósia, recolhida em 1987 no lugar de Casalinho, freguesia de Ulme, concelho de Chamusca. Estava a servir de degrau, com a inscrição para cima, à porta de uma casa rústica, aparentemente sem contexto arqueológico. Encontra-se hoje no Museu Municipal da Chamusca — Núcleo 3 (Arqueologia) (1).

É uma placa pouco espessa, de contornos irregulares, definindo um ângulo recto no canto superior direito e uma espécie de sector circular à esquerda. Campo epigráfico polido, sem moldura.

Dimensões:  $47 \times 57 \times 5$ .

CAENO . BOVI(i) . F(ilius) / H(ic) . S(itus) . E(st)

Aqui jaz Cenão, filho de Bóvio.

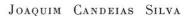
Altura das letras: 5 (B = 5.5; O = 4.2). Espaço interlinear: 2.5.

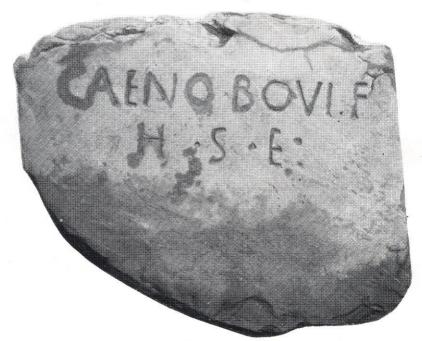
<sup>(1)</sup> Do achado foi dada notícia muito sumária num folheto policopiado em Dezembro de 1987, editado pela Câmara Municipal da Chamusca, da autoria de Branca Lizardo e outros, *Indicios de uma via romana no concelho de Chamusca*, p. 5.

Ordinatio bastante cuidada, com preocupação de simetria na fórmula final. Os caracteres são do tipo monumental quadrado, de ductus regular. Puncti triangulares, à excepção do último da l. 1 que é arredondado.

O texto, extremamente simples, é o epitáfio de um indígena, de quem nada mais sabemos que o seu nome e o do seu progenitor. Tanto *Caeno* como *Bovius* são antropónimos pré-romanos já conhecidos na Península (²).

Pela sua tipologia, paleografia, formulário e antroponímia (indígena filho de indígena), é monumento datável da primeira parte do séc. I da nossa era.





**F**ото 151

<sup>(2)</sup> Sobre Caeno, veja-se Maria de Lourdes Albertos, Emerita, 1964, vol. XXXII, p. 234; e Jaime Siles, Studia Zamorensia, I, 1980, pp. 37-39, a que haverá a acrescentar mais dois casos (pelo menos), em Évora (cf. José d'Encarnação, IRCP, n.º 403, p. 481) e em Mangualde (FE, n.º 53). Saliente-se que um dos Caeno proveio de um local não muito afastado do presente — Vilar da Mó (Gavião) — e que ambos pertenceriam ao território ariciense.

#### MILIÁRIO DE CONSTANTINO MAGNO

**Fото 152** 

Encontra-se presentemente no Núcleo 3 do Museu Municipal da Chamusca um marco miliário incompleto, identificado em 1987, entre os casais de Vale da Lama (Bemposta, Abrantes) e Aranhas de Baixo (Ulme, Chamusca), no fundo de um vale sem trânsito à vista, a servir de divisória com outros marcos antigos (não romanos), entre os concelhos de Abrantes e Chamusca (¹). Tudo indica, porém, que tenha sido levado da zona do Tamazim, situado um pouco acima e adentro da já referida freguesia de Bemposta, por onde passa e se presume que já passaria nos tempos da dominação romana um troço de via.

É uma coluna cónico-cilíndrica de granito bastante grosseiro. Na base apresenta um suave afunilamento, que não parece primitivo, destinado a melhor a cravar no solo, até à profundidade de cerca de 10 cm; o topo, embora mais parecendo desgastado por acção erosiva, deve ter sido fortemente mutilado de longa data, pois lhe falta a primeira parte do texto.

Dimensões: c. 100 × 34 (diâmetro máximo).

[... FOR] / TISSIM/O CAESA/RE / DIVI / CONST(anti)I / / PII . FI/LIO

Sendo (imperador ...) o fortíssimo César, filho do divino Constâncio Pio.

<sup>(1)</sup> Também deste achado foi dada notícia sumária no opúsculo citado na nota 1 da inscrição precedente, sem contudo aí se fazer o competente estudo epigráfico.

Altura das letras: muito irregular, entre 5,5 e 8,5, média 7 em todas as linhas. Espaços: também irregulares, entre 2 e 3.

Paginação muito descontrolada, com letras desalinhadas aos altos e baixos, embora com tendência para o alinhamento à esquerda. Ductus também irregular. Na actual l. 1, o T impõe-se, pois se lhe adivinha facilmente o travessão na parte desgastada; o primeiro S também, apesar de ligeiramente diferente do segundo, que se apresenta mais simétrico; e o M é perfeitamente reconhecível pela coloração distinta do granito, em virtude de a face grafada ter estado muito tempo sem exposição à luz solar. Na 1. 2, o O também não oferece dúvidas, pese embora uma grande mossa sofrida à direita; na l. 6, o P é de pança alongada e o F de hastes obliquadas, abertas e levemente recurvadas; também o L da última linha não descreve um ângulo recto, mas obtuso. Não se detectam puncti distinguentes, a não ser na penúltima linha, e esse mesmo assim muito subido, mais parecendo involuntário; o sinal que se segue ao E (l. 3), não se afigura também propositado, por ser irregular, muito rebaixado e nem se justificar.

Não obstante a forma abreviada e algo equívoca de CONSTI e se ter perdido a parte inicial do texto, temos razões de sobra para atribuir o miliário ao tempo do imperador Constantino «o Grande» (306-337). Na realidade, só este imperador, que governou no período citado, tendo sido César em 21 de Julho de 306 pela morte do pai (Constâncio Cloro, imperador entre 292-306 e divinizado), se poderia afirmar filho do divino Constâncio; pelo que ficam excluídos à partida todos os outros Constantinos, Constâncios ou Constantes. Por outro lado, há que ter em conta fórmulas idênticas já surgidas, designadamente num miliário de Moimenta da Beira (CIL II 4642) e num outro do concelho da Chamusca, na Lagoa Grande (²), uns 4 km a oés-noroeste do Tamazim.

O aparecimento deste miliário reveste-se, por conseguinte, da maior importância arqueológica, pois vem contribuir de forma pertinente e significativa para o reequacionamento do emaranhado problema da viação romana nesta área. Com ele fica claramente

<sup>(2)</sup> Cf. Mário SAA, As Grandes Vias da Lusitânia, Lisboa, I, 1956, p. 244; e Jaime Jorge MARQUES, As Inscrições Romanas do Concelho da Chamusca, ed. da C. M. da Chamusca, 1987, p. 13.

definida a passagem por aqui de uma estrada romana, eu diria até de duas:

- Uma primeira, a mais antiga e importante, correspondente à Via XIV do Itinerário de Antonino, que procedia de Olisipo, por Scallabis (3) e Aritium Praetorium, correndo de Almeirim ao Tamazim sempre ao longo da ribeira de Alpiarça (também chamada de Ulme), ao longo da qual foram identificados quatro miliários de Tácito (datados c. de 275 d. C.), (IRCP 665-667) e daí em diante às proximidades de Ponte de Sor (Sr. dos Prazeres, antigo Alperraião), onde surgiu outro miliário de Tácito; poderemos ainda aduzir certa relação entre um miliário de Probo (276-282) aparecido na Ponte de Sor (IRCP 668) e outro do mesmo imperador existente em Santarém, no Museu de S. João de Alporão.
- Segunda, a definida pelos dois miliários de Constantino Magno, agora associados. Esta seria uma transversal, mais moderna e portanto menos conhecida, lançada em linha recta a partir deste «entroncamento» do Tamazim, passando sucessivamente à Lagoa Grande (miliário), Galega Nova (estação recentemente publicada) (4), até ao Tejo (Arripiado / /Tancos, com vestígios já conhecidos). Por aí entroncava na via XV (Olisipo Emerita, por Tubucci), com eventual ligação à via XVI (Olisipo Bracara, por Sellium).

Pena é que nenhum destes miliários contenha a indicação do número de milhas.

#### JOAQUIM CANDEIAS SILVA

<sup>(3)</sup> Embora Scallabis (Santarém) não conste expressamente da via XIV, penso que ela se subentende e se impõe, naturalmente, tal como nas vias XV e XVI. Assim, 38 mil pessos não podem ser a distância de Lisboa a Aritium Praetorium, mas já o podem ser deste a Santarém. E, assim sendo, o «pretório» recairia a cerca de 56 km da actual capital ribatejana, talvez na zona do Bufão/Água Branca, seguindo este percurso. As 28 milhas daqui a Abelterium (c. 41 km) ganham, deste modo, também, pleno sentido.

<sup>(4)</sup> Cf. A. M. Dias Diogo, Estação romana da Galega Nove — Notícia da sua identificação, ed. C. M. Chamusca, 1987.



**Fото 152**